Ecolândia nas escolas: jornalismo comunitário e educomunicação na produção radiofônica por alunos do ensino fundamental[1]

Clara Sitó ALVES[2]
Aline WITT[3]
Gabriele Wagner de SOUZA[4]
Liliane Dutra BRIGNOL[5]
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O Ecolândia – o mundo onde a gente vive é um projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A principal atividade do projeto é a realização de um programa radiofônico semanal produzido por estudantes de Jornalismo numa rádio comunitária da região Sul de Santa Maria. Através dos conceitos de comunicação comunitária e educomunicação, este estudo procura mostrar o trabalho de oficinas de radiojornalismo em uma escola da região como proposta integrada às ações realizadas pelo projeto Ecolândia e com o objetivo de aproximar a comunidade local das lógicas de produção radiofônica e da rádio comunitária. Assim, o artigo tem como propósito discorrer sobre a participação de atores de uma comunidade na construção colaborativa de quadros para o programa Ecolândia e propor alternativas para ampliar a participação cidadã no projeto.

Palavras-chave: cidadania; comunicação comunitária; rádio escola; educomunicação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de um projeto desenvolvido durante a disciplina de Comunicação e Cidadania no curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A proposta desse trabalho, inicialmente nomeado de "Ecolândia na Escola São Carlos: produção de perfis com alunos do ensino fundamental", surgiu da possibilidade de expandir o trabalho comunitário já desempenhado em um projeto de extensão vinculado ao Programa de Educação Tutorial da Comunicação (PETCom[6]): o Ecolândia – o mundo onde a gente vive.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Graduanda do Curso de Comunicação Social Jornalismo da UFSM, e-mail: clasalvs@gmail.com
[3] Graduanda do Curso de Comunicação Social Jornalismo da UFSM, e-mail: alinewittaline@gmail.com
[4] Graduanda do Curso de Comunicação Social Jornalismo da UFSM, e-mail: gabiwagners@gmail.com
[5] Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria - RS). Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo - RS) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFSM. Orientadora do trabalho, e-mail: lilianebrignol@gmail.com
[6] O Programa de Educação Tutorial da Comunicação (PETCom), criado em 1992, integra os 17 grupos PET da Universidade Federal de Santa Maria. A estrutura do programa compreende uma tutora e estudantes/petianos – bolsistas e voluntários – dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas que atuam em atividades de ensino,

O Ecolândia consiste num programa radiofônico, produzido e apresentado por acadêmicos de Jornalismo da UFSM, que aborda temáticas sociais voltadas, principalmente, à cidadania, meio ambiente e qualidade de vida. O programa de rádio é transmitido pela Rádio Comunitária Caraí FM (106.3 Hz), localizada no Bairro Urlândia, na região sul da cidade de Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul. A configuração atual está em doze quadros, que abarcam conteúdos para a internet, serviço e informação, são eles: Blog, Redes Sociais, Apresentação, Notícias e Dicas, Boletim, Reportagem, Entrevista, Ombudsman, Edição, Perfil e Microfone Aberto.

Por estar inserido em uma rádio comunitária, o Ecolândia – o mundo onde a gente vive, além de toda a produção de quadros que priorizam as demandas dos moradores, também procura pensar ações dentro da comunidade que estreitem os laços entre o meio de comunicação e a região, como por exemplo, participar da Mateada da Rádio Caraí, evento que envolve diversas atividades na e com a comunidade. Assim, por meio do desenvolvimento de um projeto de comunicação na disciplina de Comunicação e Cidadania, pode-se expandir a proposta de produção colaborativa. Com intuito de tornar efetivo o processo de comunicação comunitária entre o programa Ecolândia e a comunidade, foi implantada uma oficina-piloto de radiojornalismo na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Carlos. A ideia é poder futuramente expandir esse trabalho com outras escolas da região.

A escola escolhida para a realização do trabalho já possui um projeto de rádio desde 2008 e já consolidou algumas experimentações com programação informativa, apesar de na atualidade ser majoritariamente musical. Dessa forma, o projeto "Ecolândia na Escola São Carlos: produção de perfis com alunos do ensino fundamental" serviu para potencializar o trabalho iniciado pela escola, ampliar o envolvimento dos estudantes na produção de conteúdo e na apropriação das tecnologias de comunicação, incentivar o protagonismo juvenil, ampliar as noções de rádio, aumentar o envolvimento da comunidade escolar com a comunidade local e estimular os alunos no aprendizado de diferentes linguagens. Além disso, as atividades realizadas na oficina procuraram melhorar a dicção e oralidade, praticar a leitura e produção textual e trabalhar um gênero literário a partir, principalmente, da observação.

---

pesquisa e extensão. A atividade de extensão para os estudantes de Relações Públicas e Publicidade é o Volver, um programa de relacionamento com egressos da instituição. Há também o Circulação, que desenvolve atividade em parceria com o Hemocentro de Santa Maria visando a doação de sangue. Para os estudantes de Jornalismo, a atividade de extensão desenvolvida é o programa Ecolândia.

Nessa oficina-piloto, a ideia central era desenvolver a produção de um dos quadros que já existem no Ecolândia, sobretudo a partir do olhar dos próprios integrantes da comunidade. Uma vez que a produção assumiria o caráter da comunicação comunitária. Posteriormente, esse material além de ser propagado dentro da rádio escola, também terá veiculação na rádio Caraí FM, como um quadro novo e fixo do programa, possibilitando assim, promover oportunidades para que as crianças e jovens, participantes da oficina, possam expressar seu potencial, através da educomunicação.

No desenvolvimento deste estudo, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a partir das fundamentações do conceito de educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo popular, aliada à pesquisa participante, com base nos pressupostos da educomunicação, com o propósito de desenvolvimento de uma oficina de rádio em ambiente escolar de modo a aproximar às práticas de participação cidadã já construídas pelo programa Ecolândia – o mundo onde a gente vive. Para isso, o trabalho foi dividido em três momentos: a apresentação do projeto de extensão e a conceituação do jornalismo popular e comunitário, o conceito de educomunicação voltado para a comunicação comunitária e cidadania e por último, a integração desses dois aspectos, anteriormente citados, no relato sobre o desenvolvimento da oficina de radiojornalismo dentro da comunidade.

Ecolândia – o mundo onde a gente vive e o exercício do Jornalismo Popular e da Comunicação Comunitária

Como mencionado anteriormente, o Ecolândia é um programa radiofônico produzido e apresentado por acadêmicos de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Ele nasceu do Programa de Educação Tutorial de Comunicação (PETCom) como um projeto de extensão. Por ter caráter de multidisciplinaridade, prestação de serviços à comunidade e ser veiculado em uma rádio comunitária, o Ecolândia aborda conteúdos de relevância social que permeiam questões relacionadas a cidadania, meio ambiente e qualidade de vida.

A criação das rádios comunitárias desempenhou um importante papel no sentido de dar espaço a setores da população que normalmente não são ouvidos. Ferraretto (2006) situa a criação oficial da rádio comunitária, através do Decreto nº 2.615 em junho de 1998, como “um processo de quase duas décadas de lutas sociais pela democratização do espectro radiofônico” (2006, p. 186).

> A presença de uma emissora comunitária, mesmo que não totalmente participativa, tem um efeito imediato na população. Pequenas emissoras geralmente começam a transmitir música na maior parte do dia, tendo assim um impacto na identidade cultural e no orgulho da comunidade. O próximo passo, geralmente associado à programação musical, é transmitir anúncios e dedicatórias, que contribuem para o fortalecimento das relações sociais locais. Quando a emissora cresce em experiência e qualidade, começa a produção local de programas sobre saúde ou educação. Isso contribui para a divulgação de informações sobre questões importantes que afetam a comunidade. (PAIVA, 2009, p.72)

A utilização de uma rádio comunitária como canal comunicativo de expressão social é uma importante ferramenta de mobilização popular e de propagação de conteúdo informativo e educativo dentro da comunidade. Assim, o programa Ecolândia – o mundo onde a gente vive é produzido segundo três princípios norteadores: Jornalismo popular, ambiental e comunitário. O conceito de jornalismo popular muitas vezes se aproxima do conceito de comunicação comunitária. Apesar das diferentes definições conceituais, Peruzzo (2006) lembra que os dois têm sempre o mesmo tema central, "sempre denota uma comunicação que tem o "povo" (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário".

Para VIEIRA (2005) a comunicação comunitária significa:

> o canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local" (PERUZZO apud DELIBERADOR;.VIEIRA, 2005, p.8).

Dessa maneira os princípios da comunicação comunitária recorrem aos fundamentos da comunicação popular e podem ser ponderados com mais facilidade se pensar como um canal de mão dupla, pois possibilita que os agentes exerçam além do papel de receptor, também a função de emissor na difusão de conteúdo. Peruzzo (2009) afirma que a finalidade da comunicação popular-comunitária é contribuir para uma melhoria social de determinada população. Entretanto, a melhoria só é possível quando há mobilização dentro da comunidade, formando um vínculo de identidade que abranja as necessidades da população.

Nesse sentido, o programa Ecolândia age como instrumento fomentador de debate, por contemplar a realidade de uma população descentralizada da cidade, ao abordar temáticas que refletem nas necessidades, interesses e aspectos da comunidade local. É

relevante apontar ainda, uma reflexão e inquietação que constantemente faz parte das preocupações do projeto no que tange a comunicação comunitária. A essência do comunitário é a participação da comunidade na produção do programa. Entretanto, como afirma Peruzzo (1998), chegar a essa condição de participação é muito difícil de ser alcançada. Mesmo assim é importante estimular os elementos integrantes da comunidade a preencher esses espaços e participar de forma colaborativa para que assim, passem de receptores para produtores de informação. Dentro desse aspecto, o Ecolândia está em constante reestruturação, pensando em maneiras de reinterpretar e tornar esse espaço um canal alternativo em que a comunidade participe, não somente como sujeito de demanda, mas sim de ação.

A educomunicação no processo de cidadania

Dentre os meios de comunicação de massa o rádio é o veículo com maior abrangência. Por ser uma mídia acessível, alcança diferentes categorias e níveis sociais, possibilitando o acesso à informação e ao entretenimento. A partir disso, pode-se somar o pensamento sobre as potencialidades na construção do conhecimento conforme o meio em que o sujeito está inserido. Por exemplo, quando o veículo comunicativo é a internet, a forma de conceber a informação segue as características do meio, através da interatividade, dinamismo, organização multilinear, entre outros. Mas e se o veículo for ainda mais abrangente, como a educação? Quais são as formas de enriquecer a construção do conhecimento no processo educacional?

No mundo de hoje, as tecnologias são indispensáveis na educação das crianças e dos adolescentes. Principalmente, porque a educação tradicional já não é mais suficiente para superar as limitações do ensino. No século XXI, o papel do professor mudou. Além do conhecimento específico, o educador tem que ser um incentivador que motive o desenvolvimento das capacidades e fomente o protagonismo juvenil, a partir de um processo dinâmico e mais atrativo. O protagonismo é a capacidade do indivíduo de atuar como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso (COSTA, 2001) no desenvolver dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social, em que está inserido.

> a participação do adolescente em atividade que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária (...) e até mesmo a sociedade em sentido mais

> amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio- comunitário. (COSTA, 1996)

Contudo, para que a participação efetivamente aconteça, é necessário capacitação do sistema educacional, para que a partir daí possa compreender o aluno como ser humano em sua totalidade, estimulando o protagonismo e rompendo com o paradigma da educação tradicional, em que o professor é a única fonte do saber e do conhecimento, enquanto o aluno é "tabula rasa", desse modo, limitando suas capacidades (MORAES, 1997). O modo como os jovens são tratados, é consequência de um estereótipo construído. É preciso reconhecer esse jovem como solução, e não mais como problema, conforme Costa (2001): "No interior dessa concepção, o educando emerge como fonte de iniciativa (na medida em que é dele que parte a ação), de liberdade (uma vez que na raiz de suas ações está uma decisão consciente) e de compromisso (manifesto na sua disposição em responder por seus atos)".

Nesse contexto, surge um novo campo de pesquisa que auxilia na elaboração de ambientes mais comunicativos, através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's): a Educomunicação.

> O neologismo *Educomunicação*, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a **ação**. É sobre ele que continua a recair a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, ao que parece, um significado particularmente importante. Educ*ação* e/ou Comunic*ação* – assim como a Educomunic*ação* – são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na *ação* o seu elemento inaugural. (SOARES, 2006).

Para o autor (2006), a educomunicação é um campo que se configura na ação e é através dela, que surge a capacidade de entrelaçar o conhecimento, entre os agentes construtores da comunicação (professores e alunos). A educomunicação, a partir do uso das tecnologias, torna possível uma nova leitura do conhecimento. Atualmente, as experimentações desenvolvidas em escolas públicas e particulares que utilizam as TIC's (rádio, televisão, jornal, internet, telefonia móvel) como ferramenta para o aprendizado e que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento coletivo tem aumentado e pode ser percebida por meio da criação de materiais audiovisuais, peças gráficas, registros fotográficos, oficinas de *fanzines* e de radiojornalismo, criação de blogs, entre outros recursos.

Para Adriana Rabelo (2005) o rádio é o modo mais simples de começar uma interação nas escolas:

> Dentre os meios de comunicação o rádio é o que mais se aproxima da realidade escolar. Devido a sua linguagem coloquial, a proximidade com o ouvinte e o baixo custo, este meio pode promover a interação da comunidade escolar e possibilitar ao educando a chance de ser protagonista de uma ação pedagógica. (RABELO, 2005, p.3)

Considerando isso, o uso do rádio como instrumento pedagógico nas escolas se faz de maneira eficaz, de modo que o aluno participa da difusão de sua própria cultura com a produção de conteúdo de interesse não só dele nem da escola, mas da comunidade de modo geral. Consequentemente, o estudante desenvolverá habilidades que vão além das aprendidas no ambiente de sala de aula.

> Assim, a escola poderá desenvolver habilidades de comunicação oral (fluência verbal), proporcionando aos educandos nas salas de aula, situações de questionamentos, perguntas, argumentações, discursos envolvendo realidades do núcleo familiar, escolar, comunidade e mídias explorando a comunicação verbal e não-verbal do estudante, preparando-o para o desenvolvimento e aprimoramento das competências e habilidades lingüísticas. (ASSUMPÇÃO, 2009, p. 5)

Construir desde cedo o conhecimento e o senso crítico contribuem na formação profissional do jovem, uma vez que amplia as perspectivas do modo da produção de conteúdo e cria novos protagonistas no cenário comunicacional. Segundo Adriana Rabelo (2010), “ele abre a possibilidade para que os alunos troquem opiniões e sintam-se suficientemente capazes de atuar no espaço escolar como agentes transformadores”. Dessa forma, a rádio escola serve como ferramenta que permite o exercício da cidadania ao mesmo tempo em que possibilita a inclusão e beneficia o processo de ensino aprendizagem.

Ecolândia na Escola São Carlos: produção de perfis com alunos do ensino fundamental

A disciplina de Comunicação e Cidadania no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM tem entre seus objetivos discutir a relação entre mídia, movimentos sociais, educação e o exercício da cidadania. A partir disso foi organizada em dois momentos: um teórico e outro prático. No primeiro estágio são trabalhadas fundamentações teóricas sobre o tema, com a finalidade de posteriormente, servir de embasamento para o momento prático da disciplina. Na segunda fase, a proposta é planejar, executar e avaliar

um projeto de comunicação ou ação com entidades e instituições de Santa Maria. Considerando isso e por já contar com a participação de duas integrantes da equipe no projeto, chegou-se no propósito de utilizar o Ecolândia como uma ferramenta de educomunicação, através de oficinas que estimulem a produção radiofônica por parte de estudantes e possa posteriormente, também ser aplicada dentro das atividades do programa.

O Ecolândia – o mundo onde a gente vive, anteriormente, havia realizado oficinas de radiojornalismo dentro da comunidade. Porém, para a oxigenação do projeto todo ano a equipe é renovada e, por isso, alguns planos acabam sendo substituídos por outros que também tenham na comunidade seu ponto central. Retomar esse projeto de trabalhar em escolas é uma sugestão que está em constante discussão pela equipe, principalmente para que a função social do Jornalismo Comunitário possa ser cumprida. Como considera Peruzzo:

> A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita que a pessoa se torne *sujeito* de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos a sua cultura. (PERUZZO, 2002, p.661)

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Carlos, localizada na vila Urlândia, além da rádio escola possui um jornal com produções semestrais. Os estudantes têm nesses dois projetos comunicativos uma atividade extracurricular, contra turno e não obrigatória. Dessa forma, após o primeiro contato com a coordenadora das atividades houve o diagnóstico das principais demandas da escola, como por exemplo, dificuldade dos estudantes com a leitura e escrita, a faixa etária dos integrantes que compreendiam alunos de 4º a 8º ano e a dificuldade de conclusão das produções. Fato justificado, pela não obrigatoriedade de permanecer no projeto. Por isso, durante o planejamento da oficina privilegiou-se a escolha de um quadro que explorasse as competências dos alunos, com o intuito de, durante o processo, estimular a participação e superação das dificuldades, e que tivesse uma continuidade para que os alunos se integrassem na oficina.

Analisado todos os quadros que compõem o programa Ecolândia, a escolha foi pelo Perfil. No Perfil é contada a trajetória de vida de um morador da região sul (composta pelas Vilas Tropical, Santos, Urlândia, Lorenzi, Tomazzeti e Dom Antônio Reis), com o intuito de valorizar a história de vida dos moradores da região – uma vez que esses personagens são retratados, pelo noticiário local dos grandes veículos de comunicação, em cadernos

policiais ou ainda quando se aborda a falta de infraestrutura dos bairros periféricos da cidade. Esse quadro também oportuniza que os próprios moradores conheçam a trajetória e rotina de vida de pessoas que, por vezes, passam despercebidas pelas ruas da região. A locução do perfil é intercalada com uma trilha que encaixe na história narrada, geralmente este fundo musical é resultado de uma sugestão do perfilado. Com relação a narrativa, a orientação é que o texto seja um relato humanizado, conforme descreve Cremilda Medina (1990) no livro Diálogos Possíveis. Pode ser utilizada também uma linguagem mais trabalhada, com base em preceitos do jornalismo literário, com descrições e comentários que enriquecem a história. Felipe Pena (2006) pontua algumas características desse tipo de jornalismo.

> Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (2006, p. 54).

Visando a aproximação das realidades vivenciadas pelos alunos e a realização da oficina ser no âmbito escolar procurou-se direcionar o trabalho para essa temática. Dessa forma, cada um dos personagens protagonistas das histórias teria que ter um vínculo com a E.M.E.F. São Carlos, seja como funcionários ou como alunos. Contudo, antes de chegar aos perfis, os estudantes aprenderam características da escrita para a rádio, entonação e ritmo de leitura, técnicas para se entrevistar pessoas, além de outros conhecimentos.

A estruturação do trabalho se deu em doze encontros, realizados duas vezes por semana, nas segundas-feiras e sextas-feiras, no turno da tarde. Para chegar ao produto final – o perfil –, conscientes da dificuldade que essa produção exigiria, optou-se dividir a oficina em três etapas. Na primeira, houve a introdução e apresentação do veículo rádio, através de conceitos básicos de produção, escrita e locução para o meio radiofônico. Foram trabalhadas diversas dinâmicas com o objetivo de estimular nos estudantes a observação e descrição para que pudessem trabalhá-las na etapa de produção textual dos perfis.

Num segundo momento, houve a inserção do perfil. Apesar da complexidade que este gênero possui, não se tinha a intenção de aprofundar teoricamente o gênero com os alunos, uma vez que explorar essas questões seria complicado principalmente pela faixa etária dos mesmos. Assim, nessa etapa teve destaque as principais características do perfil para a elaboração do texto como a percepção, melhorar a escrita e a descrição. Uma problemática percebida foi a dificuldade de leitura e escrita. Dessa forma, foram necessárias

atividades extras para melhorar a produção textual e locução das crianças. Cada aluno participante do projeto produziu um texto com as características do gênero trabalhado, com um funcionário da escola escolhido pelos próprios, facilitando a desinibição do estudante na hora da entrevista

A terceira fase do projeto consistiu basicamente na finalização do trabalho desenvolvido ao longo das duas primeiras etapas. A ideia inicial era poder trabalhar também, algumas noções de edição, para que os alunos tivessem autonomia de dar continuidade a futuras produções escolares. Infelizmente, alguns fatores limitantes como o nível de dificuldade que o processo de edição exige e o cronograma das atividades, fizeram com que a terceira etapa fosse repensada e readaptada. Ao invés das noções básicas de edição, trabalharam-se as gravações dos perfis, estruturação de um modelo de script, produção de uma vinheta de identificação para rádio, bem como acompanhamento, da apresentação dos perfis na rádio escola. Nessa etapa, o processo construtivo foi colaborativo. Os alunos ficaram responsáveis por decidir o texto do script, nome para rádio, trilha para a vinheta de identificação e organização do cronograma de apresentação dos perfis.

Fechado o primeiro ciclo da oficina, pretende-se utilizar o material confeccionado pelos alunos na rádio Caraí FM, como um quadro fixo do programa Ecolândia. Mas será discutida ainda a possibilidade de criar um novo quadro em que toda a produção seja de alunos moradores da comunidade, através de futuras oficinas de rádio. O reconhecimento e valorização do trabalho em um veículo midiático da comunidade é uma possibilidade de estimular mais produções e incentivar o protagonismo juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da oficina-piloto na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Carlos serviu, sobretudo, para dar início a uma nova proposta de atividade comunitária realizada pelo Ecolândia – o mundo onde a gente vive. A oficina-piloto começou com sete integrantes que participaram ativamente da primeira etapa e do começo da segunda etapa, porém, durante os encontros para entrevista com os perfilados, nos deparamos com algumas desistências. Dos sete iniciais, conseguimos produzir apenas quatro textos. Porém, na terceira etapa, de finalização do projeto, muitos dos alunos desistentes voltaram. Esse retorno foi interessante para percebemos que a expectativa deles estava mais na apropriação dos instrumentos da rádio escola do que produzir textos para gerar um perfil.

Além disso, a complexidade do gênero perfil para um público tão diverso, também foi analisada como um fator a ser repensado. Apesar de o resultado ter sido bastante positivo, para a próxima oficina, a sugestão é considerar a possibilidade de ao invés de adaptar um quadro já existente, criar um novo para o programa. Ele será trabalhado durante o desenvolvimento das oficinas, com uma produção mais leve e adequada à faixa etária dos participantes.

Enquanto desenvolvíamos essa produção, também não tivemos participação dos demais professores da escola, uma vez que nosso contato foi direto com a direção e a coordenadora do projeto. Sentimos falta dessa integração maior com os professores e funcionários da escola, principalmente para que a partir da visualização do resultado, eles possam pensar em outras alternativas para pontencializar a comunicação comunitária através de tecnologias de informação e de comunicação.

O próximo ciclo de oficinas na região, ainda está em processo de discussão dentro da equipe do Ecolândia – o mundo onde a gente vive, visto que o projeto fará dez anos em 2016, pode ser uma oportunidade para ampliar a comunicação cidadã entre o programa e a comunidade. Sobretudo, a aplicação dessa oficina-piloto, desenvolvida a partir da disciplina de Comunicação e cidadania, permitiu repensar a importância do projeto como instrumento educativo e democrático no contexto sociocultural em que está inserido.

A escolha de se trabalhar com e na escola foi desafiadora. Principalmente por ser a primeira vez que o grupo desenvolvia trabalhos em uma. Mesmo que o Ecolândia já tenha realizado oficinas com outras escolas no passado, não ficou nenhum registro deixado pelo grupo que realizou as oficinas anteriores, para embasar os novos integrantes da equipe. Os conhecimentos adquiridos, no que se refere ao radiojornalismo, se deram pela prática cotidiana de produção do programa e dos saberes adquiridos em disciplinas específicas da academia. Igualmente desafiador foi a responsabilidade de sair do papel de estudante e assumir a forma de educador.

Durante o decorrer das oficinas, nos deparamos com vários e inimagináveis obstáculos. Alunos com dificuldade de leitura, dificuldade de produção de textos (uso incorreto da pontuação), problemas de relacionamento entre o perfilado e o aluno, cronograma reduzido devido a fatores externos e causas climáticas, entre outros. Porém, fazer parte de um trabalho com a comunidade é recompensador, principalmente pelo Ecolândia cumprir seu papel extencionista e aproximar a produção com o meio em que está inserido.

Sabemos, a partir desta oficina-piloto, que precisamos fazer ajustes diversos, seja escolhendo um outro quadro do programa que prenda mais a atenção dos participantes ou pensando em formas mais atrativas de realizar etapas consideradas maçantes para crianças/jovens, seja na elaboração de um novo quadro produzido por eles. Contudo, essa oficina nos proporcionou experiências enriquecedoras, tanto pessoais como profissionais, e abriu horizontes até então não imaginados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves De. **Radioescola e educomunicação**: o papel delas na escola. 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Zeneida_Radioescola.pdf.> Acesso em 18 de maio de 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. 2° ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. **Tempo de servir:** o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. **A implementação das medidas socioeducativas**. Belo Horizonte, 1996.

MARCELO, Adriana Rabelo Rodrigues et al. **Radio na escola**: o jornalismo como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem. 2005. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Rádio_na_escola:_o_jornalismo_como_ferramenta_no_processo_ensino/aprendizagem>. Acesso em: 20 maio 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** O diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo. Papirus, 1997.

PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade:** os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 203 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

PERUZZO, Cicília M. Khrohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista do Pensamento Comunicacional Latino Americano. São Paulo, SP, vol. 4, nº. 1, 2002.

PERUZZO, Cicília M. Khrohling. **Comunicação nos movimentos populares.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia,** São Paulo, v. 9, n. 17, p.131-146, jul. 2015.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – o que é isto?** 2006. Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf >. Acesso em 01 de julho de 2015.

ANEXO A

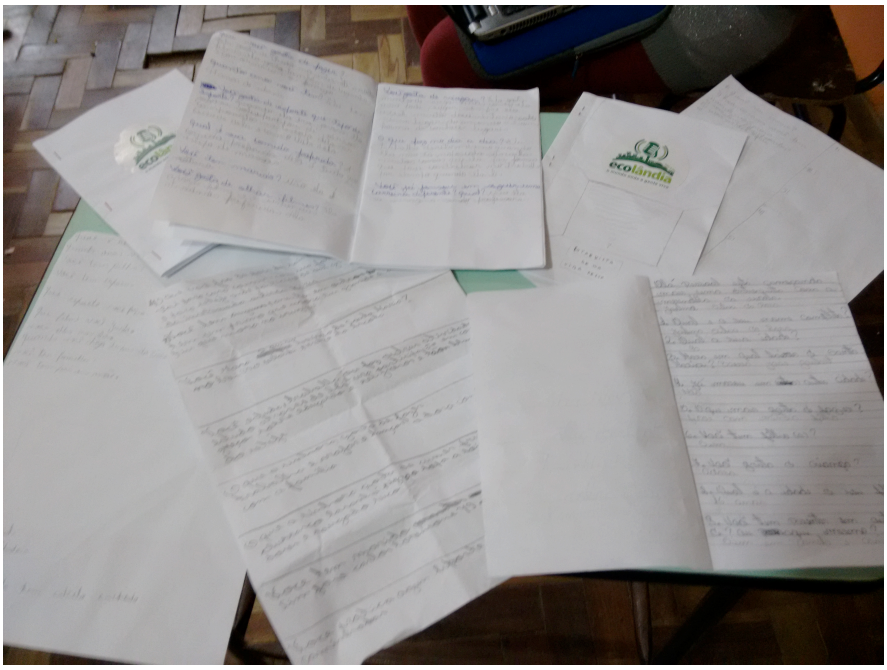

Figura 1 – Primeiras produções dos alunos

Figura 2 – Participantes da oficina